EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL: FORMANDO PESSOAS PARA ALÉM DO CONTEÚDO ACADÊMICO

EDNAIDE MELO DE MEDEIROS SANTANA

RESUMO
Este artigo aborda a importância da educação socioemocional no contexto escolar, compreendendo-a como dimensão fundamental do desenvolvimento humano que não pode ser negligenciada pela educação formal. Partindo da crítica ao modelo tradicional que privilegia exclusivamente o desenvolvimento cognitivo e a transmissão de conteúdos, o texto explora os fundamentos teóricos das competências socioemocionais, sua base neurocientífica e sua relação com o aprendizado. São apresentadas as principais competências identificadas por pesquisas internacionais, como autoconhecimento, autocontrole, empatia, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável. O artigo discute os benefícios do desenvolvimento dessas competências para o desempenho acadêmico, a saúde mental, a prevenção de comportamentos de risco e a preparação para o mundo do trabalho. São apresentadas estratégias práticas para a incorporação da educação socioemocional no cotidiano escolar, tanto por meio de atividades específicas quanto pela integração ao currículo e às práticas pedagógicas de todas as disciplinas. O artigo também aborda a importância da formação de professores para essa dimensão do trabalho educativo e os desafios para sua implementação nas escolas brasileiras. Conclui-se que a educação socioemocional não é um modismo pedagógico, mas uma necessidade urgente em um mundo que exige cada vez mais habilidades como resiliência, colaboração e inteligência emocional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação socioemocional; Competências socioemocionais; Desenvolvimento integral; Inteligência emocional; Aprendizagem socioemocional.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a escola brasileira estruturou-se em torno de um pressuposto: sua função era transmitir conhecimentos acadêmicos, desenvolver habilidades cognitivas e preparar os alunos para o prosseguimento dos estudos ou para o mercado de trabalho. As emoções, os sentimentos, as relações interpessoais, a construção da identidade, tudo isso era visto como assunto da família, da psicologia, da vida pessoal, mas não como responsabilidade da educação formal.

Esse modelo, que ainda predomina em muitas instituições, tem se mostrado cada vez mais insuficiente para formar pessoas preparadas para os desafios do século XXI. Os índices crescentes de ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes, a dificuldade de convivência em ambientes diversos, a falta de resiliência diante das frustrações, a incapacidade de lidar com conflitos de forma construtiva, são sinais de que algo fundamental está faltando na formação das novas gerações.

Paralelamente, pesquisas nas áreas da neurociência, da psicologia do desenvolvimento e da economia têm demonstrado que as chamadas competências socioemocionais são tão ou mais importantes que as competências cognitivas para o sucesso na vida, em todas as suas dimensões. Saber lidar com as próprias emoções, estabelecer relações saudáveis, trabalhar em equipe, persistir diante das dificuldades, tomar decisões responsáveis, são habilidades que fazem a diferença não apenas na escola, mas na vida profissional, nos relacionamentos, na saúde mental e no bem-estar geral.

A educação socioemocional emerge, nesse contexto, como campo de conhecimento e prática pedagógica que busca intencionalmente desenvolver essas competências. Não se trata de mais uma disciplina a ser acrescentada a um currículo já sobrecarregado, mas de uma perspectiva que deve atravessar todo o trabalho escolar, integrando-se às práticas cotidianas, às relações entre professores e alunos, à organização dos espaços e tempos, à forma como se ensina e se aprende.

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da educação socioemocional no contexto escolar brasileiro. Busca-se

compreender seus fundamentos teóricos, as principais competências a serem desenvolvidas, os benefícios para os estudantes e a sociedade, e as estratégias para incorporá-la ao trabalho pedagógico. Acredita-se que, ao recolocar as emoções e as relações no centro da educação, estamos não apenas melhorando o desempenho acadêmico, mas formando pessoas mais felizes, mais equilibradas e mais preparadas para a vida.

DESENVOLVIMENTO

A educação socioemocional não surge do nada. Ela se fundamenta em décadas de pesquisa em diferentes áreas do conhecimento, que progressivamente foram demonstrando a importância das emoções e das relações para o desenvolvimento humano e para a aprendizagem.

Na psicologia, os trabalhos de Howard Gardner sobre inteligências múltiplas, já na década de 1980, chamaram a atenção para o fato de que a inteligência não é uma só, medida pelo QI, mas múltipla, incluindo dimensões como a inteligência interpessoal (capacidade de compreender os outros) e a intrapessoal (capacidade de compreender a si mesmo). Essas duas formas de inteligência são a base do que hoje chamamos de competências socioemocionais.

Pouco depois, Daniel Goleman popularizou o conceito de inteligência emocional, mostrando que a capacidade de identificar, compreender e regular as próprias emoções e as dos outros é fundamental para o sucesso em todas as áreas da vida. Seu livro tornou-se um best-seller mundial e ajudou a difundir a ideia de que as emoções não são um obstáculo à razão, mas uma dimensão fundamental da inteligência humana.

Na neurociência, as pesquisas com neuroimagem têm demonstrado que as emoções e a cognição estão profundamente integradas no cérebro. Não existe aprendizado significativo sem envolvimento emocional. As emoções direcionam a atenção, consolidam a memória, motivam a ação. Um aluno que não estabelece vínculo afetivo com o conhecimento, com o professor, com a escola, dificilmente aprenderá de forma profunda e duradoura.

No campo da educação, as contribuições de pensadores como Paulo Freire, Carl Rogers e Henri Wallon há muito apontavam para a importância da afetividade e das relações no processo educativo. Freire falava do amor como condição do diálogo autêntico. Rogers destacava a importância da empatia e da aceitação positiva incondicional na relação pedagógica. Wallon mostrou que afetividade e cognição se desenvolvem de forma integrada e interdependente.

Mais recentemente, organizações internacionais como a UNESCO e a OCDE têm incluído as competências socioemocionais entre as habilidades fundamentais para o século XXI. A OCDE, por meio de seu programa PISA, passou a avaliar não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também competências como colaboração, resolução de problemas e abertura a diferentes perspectivas.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incorporou explicitamente o desenvolvimento de competências socioemocionais como uma de suas dez competências gerais. A BNCC afirma que a educação deve visar à formação integral do estudante, desenvolvendo não apenas conhecimentos, mas também habilidades, atitudes e valores para uma vida plena e para o exercício da cidadania.

Mas o que são, afinal, as competências socioemocionais? Diferentes autores e instituições propõem diferentes classificações, mas há um consenso crescente em torno de um conjunto de competências fundamentais.

O autoconhecimento é a base de todas as outras. É a capacidade de reconhecer as próprias emoções, pensamentos e valores, bem como suas forças e limitações. Envolve a percepção de como esses elementos influenciam o comportamento e a capacidade de avaliar realista e positivamente a si mesmo. Uma pessoa com autoconhecimento sabe identificar quando está com raiva, triste ou ansiosa, compreende o que desencadeia essas emoções e reconhece seus padrões de reação.

O autocontrole ou autorregulação é a capacidade de regular as próprias emoções, pensamentos e comportamentos em diferentes situações. Envolve controlar impulsos, administrar o estresse, motivar-se, perseverar diante de frustrações e trabalhar para alcançar objetivos de longo prazo. Um aluno com autocontrole desenvolvido consegue esperar sua vez, controlar a vontade de conversar duran-

te a explicação do professor e persistir em uma tarefa difícil sem desistir.
A consciência social é a capacidade de assumir a perspectiva do outro e ter empatia, compreendendo normas sociais e éticas de comportamento. Envolve reconhecer e valorizar a diversidade, compreender como as pessoas de diferentes origens podem pensar e sentir, e agir com compaixão. Um estudante com consciência social desenvolvida percebe quando um colega está triste e oferece apoio, respeita as diferenças e evita piadas que possam magoar.
As habilidades de relacionamento são as competências necessárias para estabelecer e manter relacionamentos saudáveis e gratificantes. Envolvem comunicação clara, escuta ativa, cooperação, negociação de conflitos, oferecimento e busca de ajuda quando necessário. Um jovem com essas habilidades desenvolvidas sabe trabalhar em equipe, expressar suas opiniões sem agredir, resolver desentendimentos de forma pacífica e construir amizades sólidas.
A tomada de decisão responsável é a capacidade de fazer escolhas construtivas e respeitosas sobre o comportamento pessoal e as interações sociais. Envolve considerar padrões éticos, questões de segurança, normas sociais, avaliar consequências realistas das diferentes ações e considerar o bem-estar próprio e dos outros. Um adolescente com essa competência desenvolvida pensa antes de agir, considera as consequências de suas escolhas e assume responsabilidade por suas decisões.
Essas competências não são inatas nem se desenvolvem automaticamente com a idade. Dependem de oportunidades de aprendizado, de modelos, de práticas intencionais. Assim como se aprende matemática ou português, aprende-se também a lidar com as emoções e a relacionar-se com os outros. E a escola tem um papel fundamental nesse aprendizado.
O desenvolvimento intencional das competências socioemocionais traz benefícios que se estendem por todas as dimensões da vida dos estudantes, com impactos que perduram por toda a existência.
O primeiro benefício é a melhoria do desempenho acadêmico. Pesquisas realizadas em diversos países mostram que alunos que participam de programas de educação socioemocional apresentam melhores notas, maior engajamento escolar e menor índice de repetência. Isso ocorre porque competências como autocontrole, perseverança e capacidade de lidar com frustrações são fundamentais para o sucesso nos estudos. Um aluno que desiste facilmente diante das dificuldades, que não consegue controlar a impulsividade ou que se desorganiza emocionalmente diante de avaliações, terá seu desempenho comprometido independentemente de sua capacidade cognitiva.
O segundo benefício é a melhoria da saúde mental. Os índices de ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes têm crescido assustadoramente nas últimas décadas. A educação socioemocional oferece ferramentas para que os jovens compreendam e regulem suas emoções, lidem com o estresse, busquem ajuda quando necessário e desenvolvam resiliência diante das adversidades. Não se trata de substituir a terapia ou o tratamento especializado, mas de oferecer uma base de prevenção e promoção de saúde mental.
O terceiro benefício é a prevenção de comportamentos de risco. Jovens com competências socioemocionais desenvolvidas tendem a se envolver menos em comportamentos como uso de drogas, violência, bullying, gravidez precoce e abandono escolar. A capacidade de tomar decisões responsáveis, de resistir à pressão dos pares, de lidar com as emoções sem recorrer a comportamentos destrutivos, faz toda a diferença.
O quarto benefício é a melhoria da convivência escolar. Escolas que investem em educação socioemocional relatam redução significativa de conflitos, bullying e violência, e aumento da cooperação, do respeito e do senso de comunidade. Um ambiente escolar mais saudável beneficia não apenas os alunos, mas também os professores, que podem dedicar mais tempo ao ensino e menos à gestão de conflitos.
O quinto benefício é a preparação para o mundo do trabalho. As empresas e organizações valorizam cada vez mais habilidades como trabalho em equipe, comunicação, liderança, inteligência emocional, capacidade de lidar com pressão e resolver problemas. Essas são

exatamente as competências desenvolvidas pela educação socioemocional. Jovens que as possuem têm mais chances de inserção e sucesso profissional.
O sexto benefício é a formação para a cidadania. Uma sociedade democrática exige cidadãos capazes de dialogar, de respeitar diferenças, de participar, de tomar decisões coletivas. A educação socioemocional contribui para formar pessoas com essas capacidades, fortalecendo assim a própria democracia.
O sétimo benefício, talvez o mais importante, é o bem-estar e a felicidade. Pessoas que compreendem suas emoções, que estabelecem relações saudáveis, que lidam bem com frustrações, que têm propósito e sentido na vida, tendem a ser mais felizes. A educação socioemocional não garante a felicidade, mas oferece ferramentas para que cada um possa construí-la.
Como incorporar a educação socioemocional ao cotidiano da escola? Não existe uma receita única, mas algumas estratégias têm se mostrado eficazes em diferentes contextos.
A primeira estratégia é o ensino explícito. Assim como se ensina matemática em aulas específicas, é possível ensinar competências socioemocionais em momentos dedicados a isso. Muitas escolas adotam programas estruturados, com atividades semanais em que os alunos aprendem sobre emoções, praticam habilidades de relacionamento, refletem sobre seus comportamentos. Esses programas podem ser adquiridos prontos ou construídos pela própria escola, adaptados à sua realidade.
A segunda estratégia é a integração ao currículo. As competências socioemocionais podem ser trabalhadas em todas as disciplinas. Na literatura, discutindo as emoções dos personagens. Na história, refletindo sobre as motivações dos agentes históricos. Na ciência, trabalhando em equipe em experimentos. Na educação física, lidando com a vitória e a derrota. Em todas as áreas, há oportunidades para desenvolver autoconhecimento, empatia, colaboração e tomada de decisão.
A terceira estratégia é a modelagem. Os professores são modelos poderosos para seus alunos. A forma como lidam com suas próprias emoções, como se relacionam com os alunos, como resolvem conflitos, ensina mais do que qualquer discurso. Um professor que grita com os alunos quando está nervoso ensina que essa é a forma adequada de lidar com a raiva. Um professor que escuta atentamente, que reconhece seus erros, que se coloca no lugar do aluno, ensina competências socioemocionais pelo exemplo.
A quarta estratégia é a criação de um clima escolar positivo. A educação socioemocional não floresce em ambientes autoritários, punitivos, competitivos. Ela exige uma escola onde os alunos se sintam seguros, respeitados, valorizados. Exige relações baseadas na confiança, no diálogo, na cooperação. Exige espaços de participação, onde os alunos possam expressar suas opiniões e influenciar decisões.
A quinta estratégia é o trabalho com as famílias. As competências socioemocionais desenvolvem-se também em casa, e a parceria com as famílias é fundamental. A escola pode oferecer orientações, promover encontros para discutir o tema, compartilhar estratégias. Pode também aprender com as famílias sobre as culturas e valores que orientam a educação emocional em cada contexto.
A sexta estratégia é a avaliação formativa. Avaliar competências socioemocionais não é dar notas ou classificar alunos. É acompanhar o desenvolvimento, identificar progressos e dificuldades, oferecer feedback construtivo. Instrumentos como autoavaliação, observação sistemática, portfólios, podem ser utilizados para esse fim.
A sétima estratégia é o autocuidado dos professores. Professores emocionalmente esgotados, estressados, desvalorizados, dificilmente conseguirão promover o desenvolvimento socioemocional de seus alunos. A escola precisa cuidar de seus educadores, oferecendo condições de trabalho dignas, apoio psicológico, espaços de acolhimento e formação continuada.
A implementação da educação socioemocional nas escolas brasileiras enfrenta desafios significativos, que precisam ser reconhecidos e enfrentados.
O primeiro desafio é a resistência à ideia de que a escola deve cuidar das emoções. Muitos educadores e famílias ainda acreditam que o papel da escola é ensinar conteúdos acadêmicos, e que as emoções são assunto da família ou

da psicologia. Superar essa visão exige esclarecimento, diálogo e evidências dos benefícios dessa abordagem.
O segundo desafio é a falta de formação dos professores. A maioria dos cursos de licenciatura não prepara os futuros professores para trabalhar com as emoções dos alunos nem para desenvolver suas próprias competências socioemocionais. Os professores sentem-se inseguros e despreparados para essa tarefa.
O terceiro desafio é a pressão por resultados acadêmicos. Em um sistema educacional que cobra cada vez mais resultados em avaliações padronizadas, muitos professores sentem que não têm tempo para "perder" com questões socioemocionais. É preciso mostrar que o desenvolvimento socioemocional não concorre com o acadêmico, mas o potencializa.
O quarto desafio é a falta de programas e materiais adequados. Embora já existam muitos materiais disponíveis, nem sempre são adaptados à realidade brasileira, às diferentes culturas e contextos. A escola precisa, muitas vezes, construir seus próprios caminhos.
O quinto desafio é a avaliação. Como avaliar o desenvolvimento socioemocional sem cair em classificações simplistas ou em invasão da privacidade? A avaliação precisa ser formativa, respeitosa, contextualizada, e isso exige conhecimento e sensibilidade.
O sexto desafio é a continuidade. Programas pontuais, atividades isoladas, têm pouco efeito duradouro. A educação socioemocional precisa ser consistente, integrada ao projeto pedagógico, presente ao longo de toda a escolaridade.
O sétimo desafio é o contexto social mais amplo. Crianças e adolescentes que vivem em situações de violência, pobreza extrema, desestruturação familiar, têm suas capacidades socioemocionais profundamente afetadas. A escola não pode resolver esses problemas sozinha, mas pode oferecer um espaço de acolhimento e desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar que a educação socioemocional não é um modismo pedagógico, mas uma necessidade urgente da educação contemporânea. Em um mundo marcado por transformações aceleradas, por incertezas, por desafios globais, por crises de saúde mental entre os jovens, formar pessoas capazes de lidar com suas emoções, de se relacionar saudavelmente, de tomar decisões responsáveis, de persistir diante das dificuldades, é tão importante quanto transmitir conhecimentos acadêmicos.
Vimos que as competências socioemocionais têm fundamentos teóricos sólidos, que vão da psicologia à neurociência, da filosofia à educação. Vimos que elas podem ser ensinadas e aprendidas, e que seus benefícios se estendem por todas as dimensões da vida: melhor desempenho escolar, saúde mental, prevenção de comportamentos de risco, sucesso profissional, exercício da cidadania, bem-estar e felicidade.
Apresentamos estratégias para incorporar a educação socioemocional ao cotidiano escolar, desde o ensino explícito até a integração curricular, desde a modelagem dos professores até a criação de um clima escolar positivo, desde o trabalho com as famílias até a avaliação formativa. Estratégias que não são receitas prontas, mas pontos de partida para uma reflexão e uma prática contextualizadas.
Discutimos também os desafios para a implementação dessa perspectiva no contexto brasileiro: resistências culturais, falta de formação, pressão por resultados, carência de materiais, dificuldades de avaliação, necessidade de continuidade, contexto social adverso. Desafios reais, que exigem políticas públicas, investimento, formação e compromisso de toda a comunidade escolar.
A educação socioemocional não é uma tarefa a mais para uma escola já sobrecarregada. É uma nova forma de compreender a própria tarefa da educação. É reconhecer que a escola não forma apenas cérebros, mas pessoas inteiras, com emoções, desejos, medos, sonhos, relações. É compreender que o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento socioemocional não são concorrentes, mas parceiros inseparáveis na formação integral do ser humano.
Que as escolas brasileiras possam abraçar essa perspectiva. Que os educadores possam se formar e se engajar nessa tarefa. Que as famílias possam apoiar e colaborar. Que os sistemas de ensino possam prover as condições necessárias. Porque, no final, o que está em jogo é a

formação de pessoas capazes de viver bem consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Pessoas que não apenas saibam muito, mas que sejam sábias, empáticas, resilientes, felizes. Pessoas que, em suma, possam realizar plenamente seu potencial humano.

REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. São Paulo: UNESCO, 2014.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HADDAD, Cristiane; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2014.

MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. Desenvolvimento de competências socioemocionais: desafios para a educação. Brasília: Instituto de Psicologia da UnB, 2019.

SANTOS, Marlene Alves; CORTEGOSO, Ana Lucia. Educação socioemocional: fundamentos, práticas e desafios. Curitiba: CRV, 2021.